VÍDEO COMUNITÁRIO COMO RESPOSTA À INVISIBILIDADE SOCIAL

COMMUNITY VIDEO AS A RESPONSE TO SOCIAL INVISIBILITY

Eduarda Wilhelm[1]
Victória Lieberknecht[2]
Cláudia Herte de Moraes[3]

Resumo: Como a educomunicação, entendida como um espaço de interação entre a Comunicação nos cenários educativos formais ou não-formais, se contrapõe ou compõe aos aspectos midiatizados socialmente? O artigo analisa dois vídeos comunitários realizados por jovens em seu ambiente

1. Graduanda de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, bolsista do projeto de extensão "Video Entre-Linhas: formação de jovens realizados em Frederico Westphalen e Região" e participante do Grupo de Pesquisa Midiação - Educomunicação e Meio Ambiente. E-mail: duda_wp@hormail.com.
2. Graduanda de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, bolsista do projeto de extensão "Video Entre-Linhas: formação de jovens realizados em Frederico Westphalen e região" e participante do Grupo de Pesquisa Midiação - Educomunicação e Meio Ambiente. E-mail: vic_lieber@hotmail.com.
3. Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS), professora na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, coordenadora do projeto de extensão "Video Entre-Linhas: formação de jovens realizados em Frederico Westphalen e Região" e Grupo de Pesquisa Midiação - Educomunicação e Meio Ambiente, educomunicação audiovisual. E-mail: chmoraes@gmail.com.

escolar, por meio do Projeto de Extensão Vídeo Entre-Linhas que retratam realidades locais de bairros periféricos e, em contraponto, analisa conteúdo dos dois principais jornais do município. A midiatização e educomunicação se relacionam na medida em que as práticas educomunicativas preenchem as lacunas da sociedade midiatizada. O vídeo "Fred Veste: a máscara do preconceito", do bairro São José, dialoga com a representação negativa da comunidade no discurso dos jornais; Em "Novos Contrastes", do bairro São Cristóvão, há uma neutralidade dos jornais que afeta uma vontade de fortalecimento social do grupo.

Palavras-chave: Educomunicação. Midiatização. Audiovisual Comunitário.

Abstract: How educommunication, understood as an interaction space inside Communication in formal or non-formal educative scenarios, sets itself apart or makes up to socially mediatized aspects? The article analyses two community videos made by youngsters in their school environment, through the Extension Project Vídeo Entre-Linhas that showcase local realities of peripheral neighborhoods and, in contrast, analyses content from two of the main newspapers in town. Mediatization and educommunication relate to the extent in which educommunicative practices fill the voids of mediatized society. The video "Fred Veste: a máscara do preconceito", from the São José neighborhood, dialogues with the negative representation of the community in newspaper speech; In "Novos Contrastes", from the São Cristóvão neighborhood, there is a neutrality from the newspapers that affects a group's will of social strengthening.

Keywords: Educommunication. Mediatization. Community Audiovisual.

1. Introdução

O cenário contemporâneo indica o fortalecimento das inter-relações entre processos sociais e processos midiáticos, levando o campo da comunicação a estabelecer uma

centralidade nas diferentes esferas sociais, entre as quais, destacamos, na ambiência da educação. A sociedade midiatizada, a sociedade em rede ou sociedade do conhecimento, são conceituações que trazem ao ambiente escolar novos e amplos desafios. Juntando-se à essa perspectiva, a proposta deste artigo é discutir de que forma a educomunicação, entendida como um espaço de interação entre a Comunicação nos cenários educativos formais ou não-formais, se contrapõe ao – ou compõe com – aspectos midiatizados socialmente.

Para refletir sobre o tema, tomaremos um caso de pequenas comunidades no interior gaúcho, em seus ambientes escolares, nos quais foi realizada uma intervenção educomunicativa, a partir da realização de oficinas de produção audiovisual, decorrentes do um projeto de extensão universitária Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen e região.

O Vídeo Entre-linhas é um projeto de extensão do curso de Jornalismo do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM de Frederico Westphalen, financiado pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT). A ação é voltada à cultura e à educomunicação, com o propósito de inserir e situar jovens no consumo e produção de materiais audiovisuais. As oficinas são ministradas dentro das escolas, em turmas de aproximadamente dez alunos cada. Os vídeos resultantes dessas aulas participam de uma mostra itinerante para dar visibilidade aos trabalhos e posicionamentos daqueles grupos.

Neste espaço educativo, a comunicação audiovisual passa a ser um ingrediente que traz elementos inclusive para a crítica midiática, visto que crianças e jovens podem apropriar-se de elementos teóricos, conceituais e técnicos na organização das narrativas que, antes disso, eram estranhos aos seus cotidianos. Além das questões teóricas, as oficinas permitem o “fazer”, e neste fazer estão imbricados diferentes saberes, conhecimentos, identidades. Neste ponto, o artigo pretende decifrar o fazer a partir do que é construído pelo vídeo comunitário.

Desta forma, a pesquisa tem como objetivo geral discutir a produção de vídeos comunitários no ambiente escolar

no interior do Rio Grande do Sul, realizados por projeto de extensão universitária, e sob os pressupostos da educomunicação. Como objetivos específicos, estão delimitados: a) identificar de que forma os vídeos comunitários são fonte de aspectos da midiatização no cotidiano escolar; b) compreender os aspectos da educomunicação que são atravessados/atravessam a midiatização.

A pesquisa apresenta descrição e análise do processo de produção e conteúdo final dos vídeos produzidos durante as oficinas do primeiro semestre de 2016, "Fred Veste: a máscara do preconceito", do bairro São José e "Novos Contrastes", do bairro São Cristóvão, buscando os aspectos relativos à representação e identidade; ao cotidiano escolar; e às escolhas referenciais pela educomunicação e/ou midiatização.

Também foram alvo de análise de conteúdo os materiais noticiosos de dois jornais impressos de Frederico Westphalen, *O Alto Uruguai* e *Folha do Noroeste*, abrangendo todas as edições do primeiro semestre de 2016 de ambos os veículos de comunicação. As análises dos jornais foram divididas em categorias pois, segundo Bauer (2004, p. 192), o conteúdo das mensagens é transformado por meio da aplicação do uso de regras e categorização. Sendo assim, foi levado em conta a forma como os jornais retratam as comunidades escolhidas, assim como frequência de cobertura, temáticas abordadas, editorias, espaço dado e de que forma isso reverbera na comunidade escolar.

2. Vídeo comunitário, educomunicação e midiatização

A produção de vídeo comunitário é considerada um espaço de elaboração de discursos oriundos de classes menos privilegiadas. Assim, a reflexão sobre estas produções pode ser feita a partir da circulação de conteúdos que, em grande medida, passam também pelo sistema midiático. De outro lado, tem-se que, desde a década de 1970, o potencial do vídeo começa a ser colocado como forma de contrainfor-

mação, fazendo-se uma oposição à informação hegemônica dos meios de comunicação de massa (SANTORO, 1989), podendo ser entendido com um sistema de resposta à mídia (BRAGA, 2006).

Quando tratamos de vídeo comunitário, a ênfase é trazida para o seu caráter mais local de produção de conteúdos audiovisuais. Desta forma, no Brasil, é possível identificar que existe grande geração de vídeos comunitários, "produzidos por grupos localizados em áreas urbanas, como vilas, favelas, bairros periféricos de centros metropolitanos, bem como em áreas rurais, tais como projetos de vídeo desenvolvidos junto ao MST (Movimento dos Sem Terra), comunidades ribeirinhas, interioranas e aldeias indígenas" (ALVARENGA, 2004, p. 15). A maioria destes projetos passa por um processo de participação ativa destas comunidades, em interação com atores sociais do circuito de realizadores, produtores culturais, comunicadores. Apesar da euforia dos anos 1970, o uso do vídeo para a transformação social não obteve uma resposta de influência junto aos meios de comunicação de massa, e sofreu por alguns anos de desinteresse social, voltando a ser reconsiderado em meados dos anos 1980, especialmente na América Latina (SANTORO, 1989).

Destacamos a importância da participação da comunidade quando se trata de vídeos comunitários, pois, no entendimento de Deliberador e Vieira (2005), a comunicação comunitária deve ser considerada um canal de expressão de uma comunidade "por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes" (p. 8). Com isso, os temas locais são tão importantes e pertinentes nestas produções.

Importante ressaltar que entendemos o vídeo comunitário como um desdobramento da comunicação comunitária que, de forma abrangente, tem o sentido político de mobilização para "atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política" (PERUZZO, 2006, p. 2). Outras expressões usadas para designar este processo são destacadas pela autora, em especial comunicação popular, alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, que são utilizados de acordo com os ambientes e lugares

sociais. O essencial, no entanto, é que esta comunicação tenha um sentido político, ou seja, de busca de cidadania. A definição de comunicação comunitária trata então:

> [...] do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. E a participação ativa do cidadão, como protagonista da gestão e da emissão de conteúdos, propicia a constituição de processos educomunicativos, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania. (PERUZZO, 2006, p. 10).

Uma característica fundamental da educomunicação é abarcar temas transversais, com o objetivo de integrar informações e conhecimentos das pessoas envolvidas, sendo portanto uma metodologia participativa, *a priori*. Ou seja, apenas a partir de uma metodologia participativa, oriunda dos pressupostos educomunicativos, é possível despertar nos jovens sua capacidade de protagonizar a sua leitura de mundo. O processo educomunicativo se vale do uso das tecnologias de comunicação e informação para formar um sentido sobre a comunicação desenvolvida. Isto é, para além do aspecto técnico e tecnológico, os meios são, portanto, mais que meros instrumentos para melhorar o acesso das pessoas aos bens culturais. A educomunicação "[...] permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecossistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos." (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 19).

Ao lado dos processos educomunicativos da produção de vídeos documentários, temos um processo mais amplo e geral de nossa sociedade contemporânea, qual seja, o de midiatização. Este processo de midiatização fez com que as tecnologias midiáticas, que avançaram seu desenvolvimento ao longo do século XX, viessem a se relacionar de forma significativa com a sociedade e modificar diretamente o cotidiano das pessoas. "Por midiatização, entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação

[...], e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia." (SODRÉ, 2007, p. 17). Esse fenômeno veio a contribuir para que as minorias passassem a ser representadas nas mídias, justamente por ter possibilitado a aproximação dos meios de comunicação com o público em geral. Os meios de comunicação de massa deixaram de ser detentores exclusivos de produção de conteúdo, passando o público também a produzir conteúdo midiático.

Entender a midiatização envolve perceber que a evolução dos processos midiáticos chegou a tal ponto que ocorre uma reconfiguração dos "[...] modos de estruturação e funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas." (FAUSTO NETO, 2008, p. 90). Por isso, a centralidade das mídias passa a ser considerada enquanto um "lugar mediado", pois ficam posicionadas "como um ponto de articulação entre partes da sociedade, dependendo num grau maior ou menor, de outras dinâmicas de campos e de suas práticas sociais." (FAUSTO NETO, 2008, p. 91).

Martín-Barbero (1997) já havia apontado o caráter dual do processo de midiatização, quando estabelece que a existência de "mediações culturais da comunicação" se dá em dois eixos: um, no qual se interligam as lógicas de produção e de recepção e, outro, quando entram em ação as matrizes culturais e os formatos industriais da cultura. Com isso, se organiza o sentido a partir de "mediações comunicativas da cultura", destacando o protagonismo da comunicação (e não dos meios propriamente). Esta virada no pensamento comunicacional traz grande impacto aos estudos da área.

A partir disso, Braga (2012) destaca que há uma reconfiguração em relação ao sistema midiático em dois movimentos: no processo tecnológico (com as ações comunicativas disponíveis à grande parcela da população) e outro ligado ao processo social (que abarca a entrada de participantes sociais nas práticas antes restritas à indústria cultural). Ou seja, "Ao mesmo tempo em que a questão comunicacional se torna presente e fundante para a sociedade, os processos sociais se midiatizam – no sentido de que tomam diretamente iniciativas midiatizadoras" (BRAGA, 2012, p.34).

A midiatização dos processos sociais cabe então, em nossa reflexão, como uma forma de pensar o vídeo comunitário. De certa forma, os conteúdos que se apresentam nestes produtos constituem espaços de discursos que podem se contrapor – ou compor junto – aos discursos já em circulação pelo processo tecnológico. Outro ingrediente trazido por Braga (2006) situa-se no sistema de resposta social à mídia, para o qual há o entrelaçamento dos processos de produção e recepção de sentidos, baseados nesta interação entre a sociedade e a "sua" mídia. "O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia." (BRAGA, 2006, p. 28).

Percebendo este cenário de midiatização, trazemos para refletir o contexto concreto da produção de vídeos oriundas do projeto de extensão Vídeo Entre-Linhas, que se dá no ambiente escolar. Já é lugar comum, mas é preciso salientar que o século XXI é o século da informação, das tecnologias e das mídias, que se encontram cada vez mais inseridas no cotidiano da população. Diante desses fenômenos, o ambiente escolar também necessita de uma reformulação de relações e formas de ensino. Desta maneira, percebemos que a produção de conteúdo midiático se torna um aliado nos processos de aprendizagem e a educomunicação abarca o processo de midiatização, transformando os alunos em atores sociais. Como afirma Fausto Neto "[...] a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade" (2008, p. 91).

Por outro lado, o conteúdo dos telejornais transmitidos em sinal aberto em Frederico Westphalen está longe da realidade do município. A afiliada de TV mais próxima fica a 185 km de distância, em Passo Fundo. Talvez isso é o que impulsione e empolgue os alunos a retratar suas próprias comunidades, já que os meios de comunicação de massa estão presentes em seu dia a dia, mas ao mesmo tempo distante de suas realidades. A educomunicação surge para estreitar ainda mais esses laços entre mídia e sociedade deixados nos processos sociais da midiatização.

Por conseguinte, o ambiente escolar é um rico cenário para a observação dos processos educomunicativos e midiatizados, já que os jovens estão cada vez mais interligados com os meios de comunicação e novas tecnologias midiáticas, incorporando-as em seu dia a dia e, com a educomunicação, exercem a midiatização de seus próprios discursos. A do discutido até aqui, podemos compreender como os conteúdos midiáticos impactam nos processos de produção, recepção e usos culturais em determinados meios da sociedade.

3. Produção dos vídeos comunitários no ambiente escolar

Os vídeos selecionados para serem tema deste item foram produzidos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, do bairro São Cristóvão, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Falcon, do bairro São José. A primeira delas fica cerca de quatro quilômetros distante do bairro centro, onde a maior parte dos alunos moram em comunidades rurais próximas. Conforme o censo demográfico do IBGE de 2010, a população do bairro São Cristóvão é de 535 pessoas, sendo o grau de dependência dos jovens de até 14 anos 34,6%. No total possui 182 domicílios com média de 2,9 habitantes cada. Já o bairro São José fica a dois quilômetros do centro e tem 379 habitantes. Existem no bairro 113 domicílios particulares e permanentes, somando uma média de 3,6 moradores por casa. A razão de dependência dos jovens é de 56,4%. Para fins de comparação, a razão de dependência dos jovens no bairro Centro é de 18,4% (IBGE, 2010).

O primeiro vídeo analisado se intitula “Novos Contrastes” e foi realizado por nove alunos do 7º e 8º ano da Escola Duque de Caxias, que possuem entre 12 e 14 anos. O vídeo retrata a evolução do Bairro São Cristóvão nos últimos oito anos, demonstrando as inúmeras mudanças no comércio, educação e estrutura da comunidade. Por meio de entrevistas e com o auxílio de narração, destaca as mudanças na economia, acesso a serviços públicos e educação, levando mais oportunidades e qualidade de vida aos moradores e es-

tudantes do bairro. A escolha do tema e criação do roteiro foram realizadas pelos próprios alunos, com auxílio dos monitores das oficinas. Logo que os alunos trouxeram a ideia da temática do vídeo, demonstraram muita empolgação e vontade de retratar a sua comunidade e as mudanças positivas ao longo dos anos.

Por meio das observações e questionários aplicados nos grupos durante o projeto, constatamos que os alunos desconhecem ou têm pouco contato com o gênero documentário, o qual se encaixa o vídeo produzido. Como monitores, explicamos o conceito e características do documentário, mas não havia tempo suficiente durante as oficinas para exibir um exemplo completo, apenas trechos. Sendo assim, percebe-se que os alunos buscam referências em produtos jornalísticos televisivos, os quais assistem na companhia dos pais. O uso de voz em off (narração) e estrutura das entrevistas realizadas deixam uma marca de características de reportagens jornalísticas que são assimiladas por eles no cotidiano.

Impactando diretamente na vida dos alunos, a escola teve um espaço significativo no vídeo. A diretora, Roselei Vitali, destaca ampliações de estrutura física como sala de projeção de vídeos e sala de informática. Esses aparatos potencializam a inserção da instituição com produtos midiáticos, auxiliam nas estratégias de educomunicação e levam o processo de midiatização para dentro da sala de aula. Cada vez mais os filmes, a televisão e a internet se inserem no processo de aprendizado, propiciados pela evolução tecnológica e, nesse caso específico, evolução econômica do bairro.

O segundo vídeo analisado se intitula “Fred Veste: a máscara do preconceito”, produzido por cinco alunos de séries entre 6° e 9° anos, estudantes e participantes do Projeto Arte, Educação e Cidadania, desenvolvido em contraturno na escola pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A escolha do tema da produção audiovisual desses alunos foi feita de forma natural durante as oficinas ministradas pelos monitores quando, em uma conversa paralela entre estudantes durante a aula, um deles manifestou descontentamento quanto ao preconceito social sofrido pela comunidade do bairro São José nas interações com as pessoas “do lado de

lá" (Centro e bairros mais nobres). Abrimos, então, um debate para ajudá-los a entender e ampliar significados de termos como "favelado", "favela", "preconceito", "pobre" e "respeito", dos quais obtinham significações apenas a partir do que outras pessoas falavam e pela televisão. Ao fim da conversa, os alunos decidiram pesquisar mais sobre o assunto, tornando o preconceito social sofrido nos bairros de periferia o tema principal do vídeo.

Ao realizar o esboço do roteiro do documentário, pensando e justificando o depoimento de cada entrevistado, os alunos diziam frases como "precisamos ir para a cidade fazer entrevistas". Essas manifestações causaram inquietação por parte dos monitores que perceberam que os alunos nem mesmo consideravam seus bairros parte da cidade. Apesar da distância física ser muito pequena (pouco mais de dois quilômetros), notou-se uma clara divisão social: classes mais ricas no lado leste da BR-386, e as mais humildes no lado oeste. Questionou-se, então, se esses jovens se sentiam de alguma forma representados pela mídia local e regional. Houve uma resposta negativa unânime, acrescida ao descontentamento de que quando os nomes dos seus bairros aparecem no jornal, normalmente estão relacionados a notícias negativas, retratando a criminalidade do município, por exemplo.

Nesse sentido, também foi preciso pensar na questão de identidade social e de como a produção do vídeo com temática social durante as oficinas lhes daria sensação de estarem sendo vistos e ouvidos de outra maneira. Assim, confirmamos que os indivíduos que se identificam como membros de um grupo tendem a querer representar esse grupo em suas manifestações e reforçar essa identidade. O movimento de identificação, contraidentificação e desidentificação mostra que não há estabilidade quando se trata de elaborar um estereótipo social para determinado grupo (GREGOLIN, 2008).

Quando os jovens escolheram o gênero documentário para suas produções, os monitores levaram até eles um exemplo de cinco minutos para dar-lhes noções básicas de como seria a costura dos depoimentos, tornando o conjunto em um texto único. Para complementar a aprendizagem, le-

varam como tema de casa a tarefa de assistir aos noticiários e prestarem atenção no estilo de narrativa, movimentos de câmera, enquadramentos e demais aspectos audiovisuais vistos em aula. Salienta-se, então, a importância da educomunicação no processo de construção de identidade e representação social no caso dessas crianças da periferia de Frederico Westphalen.

Além das percepções e debates cotidianos que os jovens presenciam acerca da relação da periferia e os preconceitos, a mídia é responsável por grande parte da construção de suas opiniões e significações, especialmente a televisão, meio que mais têm acesso.

> No embate das relações entre campos sociais é possível perceber que a mídia é responsável pela mediação do conteúdo (agendamento) que chega aos indivíduos, sendo que estes desenvolvem opiniões baseadas em midiatizações, ou seja, em informações mediadas pela mídia. (SANCHOTENE, 2009, p. 251).

As significações e estereótipos trazidos pela mídia são refletidas no comportamento dos frederiquenses, que reproduzem preconceitos com as comunidades periféricas da cidade. O vídeo "Fred Veste" busca contestar e incentivar uma reflexão acerca disso, enquanto o "Novos Contrastes" busca acrescentar a sua representatividade.

4. Análise dos jornais impressos locais

Para entender o sentimento de falta de representatividade dos bairros dos alunos por parte da mídia, analisou-se todos os exemplares de jornais do primeiro semestre de 2016, dos veículos impressos locais *O Alto Uruguai* e *Folha do Noroeste*, que possuem sede em Frederico Westphalen e são distribuição regional. *O Alto Uruguai* é bissemanal e possui uma tiragem média de seis mil exemplares que são distribuídos em 22 municípios da região do Médio Alto Uruguai. São aproximadamente 30 páginas nas edições de quartas-feiras

e 60 páginas nas edições sábados, abordando as principais notícias dos municípios de abrangência e possuindo editorias como política, economia, empreendedorismo, saúde, variedades, esportes, agronegócios, veículos e cultura em geral. O *Folha do Noroeste* é semanal, com circulação de edição de cerca de 35 páginas nas sextas-feiras, e atua em 23 municípios do Médio Alto Uruguai, Rio da Várzea e Região Celeiro, tendo o público leitor estimado em cerca de 40 mil pessoas. As notícias são distribuídas nas editorias Geral, Cidades, Insight! (variedades), Negócios, Agro&Negócios, Viver Bem (Saúde) Polícia e Esporte. Por mais que tenham circulação regional, grande parte do conteúdo de ambos os jornais está voltado ao município em que possuem sede.

Para classificar a relação de valência de cada matéria (positiva, negativa ou neutra) foi empregada a metodologia de análise de valências (MAV[4]), definida por Júnior (2016, p. 283) como capaz de empregar sentidos às análises de uma grande quantidade de textos, sem comprometê-las com a influência pessoal dos autores devido suas vivências pessoais. O autor defende isso explicando que em virtude dessa metodologia se pode separar emissor e receptor, estudando apenas o primeiro sem qualquer prejuízo.

> Isso porque a linguagem tem significados consensuais partilhados pela imensa maioria dos falantes da língua. Ou seja, os entendimentos são intersubjetivos e somente por meio deles é que, por exemplo, se consegue escrever um texto com a expectativa de que seus leitores o compreendam. [...] a MAV não só é capaz de produzir análises de extensos corpora de textos prenhes de significado, como tem sido capaz de produzir resultados consoantes com o resto da literatura de mídia e política em nosso país, o que confirma seu valor operacional (JÚNIOR, 2016, p.280 e 283)

4. Existe dissonância na academia quanto a esse método porque, segundo Miguel (2015): “ele introduz de contrabando uma presunção de compreensão da recepção das mensagens jornalísticas”.

No entanto, como não temos a contagem geral de matérias, usou-se a valência apenas no *corpus*, sem relacionar com outros bairros ou até mesmo com o Centro da cidade. O uso da metodologia de valência explicitada foi adaptado para o contexto da educomunicação e representatividade das comunidades onde os alunos do Projeto Entre-Linhas estudam. Isso porque, ao contrário de uma disputa eleitoral, onde existe uma preocupação de equilíbrio, a presente análise busca as representações dos bairros em questão, preocupando-se em perceber o conteúdo da mídia, confirmando queixas dos estudantes e relacionado com o espaço educomunicativo que deu oportunidade para a produção hiperlocal dos vídeos analisados. A medição de "positivo", "neutro" e "negativo" leva em conta convenções sociais do que é benéfico ou não para a imagem real das comunidades retratadas. Esta medição é parte de um conjunto de análises, que levam em conta o que é dito pelos jornais e principalmente como os jovens se sentem em relação ao dito, fazendo funcionar a observação dos elementos de educomunicação e midiatização.

Ao analisar o conteúdo dos jornais impressos locais, percebeu-se que há carência na cobertura jornalística em ambas as comunidades, mas principalmente no bairro São José. Como sugere Gregolin, "as vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade" (2008, p. 22). O fato de praticamente só se identificar a presença do bairro São José nas páginas policiais acaba criando no público alcançado pelos jornais um estereótipo negativo sobre o local. A reivindicação dos jovens no próprio título do vídeo sobre a comunidade também acaba denunciando a falta da real representatividade da identidade do bairro nos veículos de comunicação.

No jornal *Folha do Noroeste*, em seis meses, por exemplo, houve sete matérias mencionando o bairro São José. Seis delas na editoria Polícia e uma na de Esportes. Já no *O Alto Uruguai* houve 11 menções, a grande maioria localizadas na parte do jornal direcionada à editoria Ronda Policial e ao espaço cedido periodicamente às publicações da assessoria de imprensa da Cufa-FW (Quadro 1).

Quadro 1 – Análise de periódicos referente ao bairro São José

Veículo	Editoria	Quantidade de publicações	Polarização
O Alto Uruguai	Ronda Policial	3	Negativas (3)
O Alto Uruguai	Geral	3	Negativas (3)
O Alto Uruguai	Conexão	3	Positivas (3)
O Alto Uruguai	Esporte	2	Positivas (2)
Folha do Noroeste	Polícia	6	Negativas (6)
Folha do Noroeste	Esporte	1	Positiva (1)

Fonte: Elaboração própria

O bairro São Cristóvão tem um pouco mais de presença e mais positiva. Fala-se basicamente em campeonatos esportivos locais (14 matérias), manifestações religiosas (uma matéria) e serviços da prefeitura, somando 22 menções no total. Porém, não se estampa no jornal a comunidade com a mesma frequência e profundidade como, por exemplo, os moradores do bairro mais nobre e central, Itapagé (Quadro 2).

Quadro 2 – Análise de periódicos referente ao Bairro São Cristóvão

Veículo	Editoria	Quantidade de publicações	Polarização
O Alto Uruguai	Ronda Policial	3	Negativas (3)
O Alto Uruguai	Geral	3	Negativas (3)
O Alto Uruguai	Conexão	3	Positivas (3)
O Alto Uruguai	Esporte	2	Positivas (2)
Folha do Noroeste	Geral	1	Negativas (1)
Folha do Noroeste	Esporte	4	Positivas (4)
Folha do Noroeste	Insight	1	Positiva (1)
Folha do Noroeste	Polícia	1	Negativo (1)

Fonte: Elaboração própria

A representatividade negativa no primeiro caso e de neutra a positiva no segundo, acaba sendo insuficiente quando se trata da formação da identidade social dos grupos estudados. A saída de produzir um material próprio sobre as

comunidades, seja retratando o preconceito (São José) ou os avanços não vistos por todos (São Cristóvão), reflete a ausência de conteúdo que congregue e fortaleça a identidade e importância de cada comunidade nos jornais impressos.

A dependência das mídias e meios de comunicação é cada vez maior, porém, diante dessa realidade de pouca representatividade de certos grupos, as pessoas passam a querer expressar a sua própria realidade e próprios pontos de vista. Para Véron (2001), "uma sociedade em vias de midiatização é aquela aonde as instituições, as práticas, dos conflitos, das culturas, começam a estruturar-se de forma direta com as mídias" (p. 15). Os jovens, que nasceram inseridos nesse ambiente globalizado e em meio às novas tecnologias, acabam levando a apropriação de veículos midiáticos para dentro do espaço educativo da escola, buscando reverter esse cenário das mídias locais diante de suas comunidades.

5. Considerações finais

A cultura midiática aproxima os universos, se partir dela há uma mobilização para mostrar as comunidades como realmente são (ou se identificam com este discurso); por outro lado, pode criar um hiato entre o os meios massivos apresentam, caso estejam baseados em estereótipos e apenas abordarem uma mesma temática relacionada repetidamente ao mesmo local, por exemplo. No caso das produções analisadas, acreditamos que a midiatização em curso no ambiente escolar, aliado aos princípios da educomunicação como a democracia, intervenção social e desconstrução de relações hierárquicas, contribuiu para que as ideias e pensamentos desses jovens alcancem a própria comunidade e, principalmente, os demais bairros da cidade. As temáticas dos vídeos produzidos acrescentam à imagem dessas comunidades nas mídias locais e combate a reprodução de discursos que estereotipam e trazem preconceitos.

Midiatização e educomunicação se relacionam na medida em que as práticas educomunicativas preenchem as

lacunas da sociedade midiatizada. Percebemos, durante as oficinas e produção dos vídeos, como os jovens incorporam em seu dia a dia os conteúdos midiáticos que consomem. Levar a produção audiovisual ao ambiente escolar por meio de uma ação educomunicativa é uma oportunidade dos alunos exercitarem e externarem essas apropriações midiáticas que possuem.

As análises feitas nos jornais impressos *O Alto Uruguai* e *Folha do Noroeste* serviram para confirmar a queixa dos estudantes e das comunidades sobre a representação insuficiente de suas identidades. No caso do bairro São José, com representações pobres e direcionadas unicamente aos problemas sociais e projetos periféricos relacionados a eles, percebemos que de fato existe carência na quantidade de matérias que deveriam expor amplamente não só a realidade do bairro, mas também sua cultura. Já no bairro São Cristóvão apenas o futebol amador foi exposto nos jornais, reduzindo a identidade do bairro em relação aos demais em futebol, em alguns problemas associados à saúde e, brevemente, à educação (uma ocorrência em seis meses).

A partir dos conceitos de midiatização – e depois de circulação e resposta social trazido por Braga (2006) –, os jovens interagem com os conteúdos dos jornais, e na produção de vídeos, por meio da educomunicação, conseguem externar o impacto destes discursos na sua identidade. Então, na produção de vídeos, o vídeo “Fred Veste” se contrapõe ao conteúdo negativo e preconceituoso dos jornais e o “Novos Contrastes” procura visibilidade, já que a forma neutra que o jornal aplica à comunidade não representa a comunidade.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, C. M. C. de. 2004. Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 206 p.

BAUER, M.; GASKELL, G. 2004. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3. ed, Petrópolis, Vozes, 516 p.

BRAGA, J. L. 2006. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo, Editora Paulus, 341 p.

_____. 2012. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.), Mediação & midiatização. Salvador, EDUFBA, p. 29-52.

DELIBERADOR, L. M. Y.; VIEIRA, A. C. R. 2005. Comunicação e educação para a cidadania em uma Cooperativa de Assentamento do MST. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVIII, Rio de Janeiro, 2005. Anais… 1:1-16.

FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma analítica da midiatização. Matrizes, 1(2):89-105.

GREGOLIN, M. 2008. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. Comunicação Mídia e Consumo, 4(11):11-25.

JÚNIOR, J. F. 2016. Em defesa das valências: uma réplica. Revista Brasileira de Ciência Política, (19): 277-298.

MARTIN-BARBERO, J. 1997. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 356 p.

MIGUEL, L. P. 2015. Quanto vale uma valência?. Revista Brasileira de Ciência Política, (17):165-178.

PERUZZO, C. M. K. 2006. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIX, Brasília, 2006. Anais… 1:1-17.

SANCHOTENE, C. R. S. 2009. A midiatização como processo de reconhecimento, legitimidade e prática social. Emancipação, 9(2):249-258.

SANTORO, L. F. 1989. A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil. São Paulo, Summus, 135 p.

SODRÉ, M. 2007. Sobre a episteme comunicacional. Matrizes, 1(1):15-26.

VERÓN, E. 2001. El living y sus dobles: arquitecturas de la pantalla chica. In: _____. El cuerpo de las imágenes. Bogotá, Editorial Norma, p. 13-40.

I Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Grupo de Trabalho

Midiatizações na cidade